

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
- TRABALHO

Formas de Sociabilidade: o circuito dos clubes negros nos Campos Gerais

Gustavo Yoshio Leal Ban (UEPG - eugustavoban@gmail.com)

Ione da Silva Jovino (UEPG – ionejovino@gmail.com) (coordenadora do projeto)

Resumo: Este trabalho apresenta parte dos resultados desenvolvidos pelas ações extensionistas do Núcleo de Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidade (NUREGS) que através do projeto “Sociabilidade Negras dos Campos Gerais: Histórias, Trajetórias e Memórias”, financiado pela SETI/PR busca problematizar instituições negras na região. O projeto visa a (re)construção das histórias do clubes negros da região, incluindo o Clube Treze de Maio em Ponta Grossa, o Clube Estrela da Manhã, em Tibagi e o Clube Recreativo dos Campos Gerais, na cidade de Castro. Após visitar os/sobre os clubes citados e compreender o funcionamento destas entidades, percebeu-se aspectos comuns as três instituições dentro de uma perspectiva sociocultural. Deste modo, pensou-se em problematizar as dinâmicas destes espaços através da pesquisa etnográfica, uma vez que tais locais, quando vistos em conjunto, pertencem a um circuito etnográfico de clubes negros. Após levantamento historiográfico, contatos e entrevistas orais, este artigo se construiu tendo como objetivo geral analisar as características comuns entre estas instituições. Para tanto, recorreremos aos estudos sobre a etnografia urbana (MAGNANI, 2016), à história oral, enquanto instrumento de luta, conquista e garantia da igualdade social identitário (ALBERTI; FERREIRA; FERNANDES, 2000), bem como à “bricolagem” (MAUAD, 2010), que contribuirá na construção dos produtos finais.

Palavras-chave: NUREGS. Clubes Negros. Sociabilidade

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidade (NUREGS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tem por característica uma ampla abordagem, discussão e construção de propostas que contribuem para políticas públicas e ações que visem à desconstrução do racismo e estereótipos que se fazem presentes na realidade social. No atual projeto em desenvolvimento, “Sociabilidades Negras nos Campos Gerais: Histórias, Trajetórias e Memórias”, aprovado pela da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) e vinculado a Universidade Sem Fronteiras (USF)¹ a discussão principal evidencia os clubes negros dos Campos Gerais, incluindo o *Clube Treze de Maio*, fundado em Ponta Grossa, o *Clube Recreativo dos Campos Gerais*, situado em Castro e o *Clube Estrela da Manhã*, em Tibagi, enquanto espaços de sociabilidades negras,

¹ Aprovado no edital 01/2016 da SETI e inserido no Subprograma Inovação e Diversidade Cultural, na área temática de *cultura*.

que preservam histórias, memórias e trajetórias a partir da identificação social com tais sociedades recreativas locais.

Em andamento desde abril de 2017, com vistas à produção de um documentário audiovisual e um livro impresso sobre a história dos clubes a partir das sociabilidades em seu interior, o projeto terá doze meses de execução, em um trabalho conjunto de bolsistas e professores das áreas de Letras, História e Jornalismo. No decorrer dos trabalhos já realizados de sondagem, pesquisa e contato com os clubes e frequentadores, percebemos que mesmo sem uma continuidade entre eles, os membros habituais de um clube reconhecem os demais enquanto um espaço de exercício de práticas em comum. Essa referência, a partir do modelo de abordagem etnográfica de Magnani (2006), é chamada de circuito, categoria proposta para uma etnografia urbana, que reconhece no interior das cidades, espaços de sociabilidade não institucionalizados e que mesmo distantes e sem vínculos, mantêm uma continuidade.

Ocorre que os espaços negros aqui citados trazem viveres comuns não apenas dentro de um processo de inclusão dos sujeitos negros, mas também de reflexões de uma exclusão ou até mesmo um pertencimento racial ou econômico que aproximava os frequentadores destas entidades.

Nesta perspectiva, este trabalho trará discussões teóricas e parte do processo de construção do documentário e do livro, que serão os produtos finais do projeto “Sociabilidade Negras dos Campos Gerais: Histórias, Trajetórias e Memórias” e problematizará os aspectos semelhantes entre os clubes negros de Ponta Grossa, Tibagi e Castro dentro de um viés etnográfico.

OBJETIVOS

Os objetivos deste artigo são analisar quais as características comuns e mais marcantes presentes entre as instituições a fim de propor a existência de um circuito de clubes negros na região, que mesmo operando com especificidades, são espaços urbanos que permitiram e permitem o exercício de sociabilidade, através de encontros, manejo de códigos, festividades, de forma independente quanto ao espaço, mas capazes de um regime de trocas de significações.

Em relação ao projeto de extensão em questão, busca-se ao final dele construir um documentário audiovisual e um livro impresso, a partir da relação dos sujeitos que participam e participaram da construção e manutenção dos estabelecimentos, a fim de contribuir para a preservação e democratização destas histórias e memórias.

Tais objetivos foram elaborados a fim de evidenciar a visibilidade não apenas dos espaços negros, mas dos próprios produtos finais do projeto, pois o Núcleo de Relações Étnico e Raciais buscará disponibilizar o documentário audiovisual e o livro impresso para divulgação da produção deste conhecimento pautado nas culturas negras locais.

METODOLOGIA

Considerando que esta pesquisa embasa-se em memórias e trajetórias de sujeitos que colaboram para manter vivas determinadas vivências socioculturais negras dentro de espaços que apresentam características semelhantes, sentiu-se a necessidade de utilizar duas metodologias. A primeira refere-se a história oral, esta que “[...] é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo”(THOMPSON, 1992, p.44). A segunda metodologia corresponde às análises pautadas na etnografia, considerando que “a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa.” (MATTOS, 2011, p.50)

Ao longo do projeto talvez faça-se necessário outros métodos de análise, bem como outros tipos de pesquisas. Entretanto, o foco é seguir com uma postura metodológica de natureza qualitativa, visto que nesta abordagem “o pesquisador vai a campo buscando captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY, 1995, p.21)

RESULTADOS

Desde abril de 2017, os bolsistas do projeto “Formas de Sociabilidade Negra dos Campos Gerais: Histórias, Trajetórias e Memórias” iniciaram o processo de coleta de informações, contato e entrevista com as fontes, bem como trabalham na sistematização dos resultados. Por estar no primeiro trimestre de aplicação, os resultados aqui apresentados ainda são parciais e serão complementados no decorrer das atividades.

Neste trabalho, aplica-se a noção de circuito, categoria de análise etnográfica descrita por Magnani (2002, p.14) ao estudar as relações sociais dentro das cidades. O circuito, assim como as categorias pedaço, trajeto e mancha surgem na perspectiva de compreender os agrupamentos urbanos a partir de uma metodologia etnográfica descrita como “de perto e de

dentro”. Nessa abordagem, os atores sociais historicamente excluídos passam a ser reconhecidos em seus ambientes de sociabilidade, enquanto um dos possíveis desdobramentos sociais no interior das cidades.

O circuito surge como continuidade do estudo de práticas de lazer na periferia de São Paulo, na década de 1990, do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU), da Universidade de São Paulo. De acordo com Magnani (2016, p.2), o circuito condiz com o exercício de uma prática ou oferta de serviço através de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantém em si uma relação espacial, mas que são reconhecidos pelo conjunto de usuários habituais. De acordo com o autor, a categoria permite analisar diversas classes de atores, incluindo os espaços em que estes realizam as práticas. Nesse sentido, a importância não está só em identificar pessoas, objetos, locais, estilos e marcas, mas a movimentação dos atores a partir de seus eventos, celebrações, rituais coletivos etc.

Neste caso, os três clubes localizam-se em cidades diferentes, mas, através de relatos e entrevistas com frequentadores, ficam indícios dos intercâmbios culturais realizados entre si. Em conversa com a senhora Maria Olimpia, tesoureira do *Clube Estrela da Manhã*, em uma das visitas à Tibagi, foi possível descobrir que durante os tradicionais bailes de carnaval, integrantes do clube negro visitavam as festividades do *Clube Treze de Maio* em Ponta Grossa, assim como os deste frequentavam o de Tibagi.

No circuito etnográfico, diferente das demais categorias propostas por Magnani (2016), a ausência de proximidade é superada na medida em que a relação de contiguidade pode ser levantada, descrita e localizada.

Assim, por mais afastados que estejam os clubes negros enquanto pontos do circuito, os modos de sociabilidade indicam um conjunto, a partir da identificação de seus frequentadores com as atividades desenvolvidas em seu interior, permitindo a realização de atividades em comum no decorrer do tempo, como as festividades de carnaval. No caso dos clubes negros em estudo, todos atualmente realizam eventos além dos relacionados a cultura afro e afro-brasileira para sobrevivência. Nos três casos, os bailes gaúchos e eventos para a terceira idade são os que financeiramente mantêm os clubes, dando indícios que mesmo desfocados dos objetivos principais, os três clubes podem ser considerados a partir de uma perspectiva de circuito.

Com base em Magnani (2016) ao se tratar de um projeto em desenvolvimento, a pertinência de compreender os clubes negros enquanto um circuito de clubes nos Campos Gerais, permite o estabelecimento de relações de outro nível, que ultrapassam as fronteiras de cada recorte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação dos três clubes em estudo, considerando-os enquanto um circuito etnográfico, não era um dos objetivos gerais ou específicos do projeto, mas que, a partir de indícios nos momentos de interação com os entrevistados, foi possível perceber esta relação. O distanciamento espacial entre as cidades e as próprias instituições demonstram, a partir de uma ótica do modelo etnográfico do circuito, que a contiguidade pode ser encontrada a partir das práticas em comum nos meios de sociabilidade.

Os resultados aqui apresentados têm caráter parcial, considerando que o projeto está em processo de desenvolvimento e contato com os clubes e os sujeitos que participaram/participam dos momentos de sociabilidade nas instituições é essencial para este trabalho. Assim, neste sentido, acreditamos que a análise em desenvolvimento a partir da categoria etnográfica aqui exposta, contribuirá tanto para a (re)construção das relações entre os clubes quanto para a produção do documentário audiovisual e do livro impresso, objetivos específicos do projeto.

REFERÊNCIAS

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Circuito:** proposta de delimitação da categoria. Ponto Urbe [Online], 2014. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/2041> Acesso em 05/07/2017 as 13h15min.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro:** notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749> Acesso em: 05/07/2017 as 10h34min.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books .

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
<http://www.enfpt.org.br/eol/timeline/timeline-primeira.php#5> Acesso em 07/07/17 as 23h00min.

WINKIN, Yves. **Descer ao campo**. In: A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Org, Etienne Samain; [tradução: Roberto Leal Ferreira], Campinas, SP. Papyrus, 1996.